

"PROFESSOR, POR QUE NÃO LEVA A GENTE NO SHOPPING AO INVÉS DE IR NO MUSEU?": AS NOVAS GERAÇÕES E A SOCIEDADE DE CONSUMO

Lucinei Pereira da Silva¹
Lana Mara de Castro Siman²
Araci Rodrigues Coelho³

Considerações Iniciais

Nossa proposta de investigação integra-se em refletir sobre os dilemas que os professores de História enfrentam mediante ao "tempo dos objetos" e as novas gerações na sociedade de consumo. Cabe ressaltar que este estudo apresenta os resultados parciais de nossa investigação que foi concluída recentemente no Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), cujo problema de pesquisa se constitui em identificar e compreender os sentidos que os professores de História da Rede Municipal de Governador Valadares constroem nas suas relações com o Museu da Cidade.

Neste texto, abordarei alguns dilemas que os docentes de História da Rede Municipal enfrentam mediante ao "tempo dos objetos" e as novas gerações na sociedade de consumo, com as quais lidam cotidianamente em sua prática em sala de aula. Ao entrevistá-los pude notar pelos relatos de alguns deles, que o acesso ao consumo pelas novas gerações pode ser capaz de potencializar o esvaziamento de sentidos numa experiência museal. Em outras palavras, neste tempo de proliferação de objetos e de constantes novidades o museu vê-se desafiado a provocar sensibilidades em seu público visitante. Neste momento atual em que tudo é transitório e de pouca durabilidade, o professor também é provocado a estabelecer novas relações e vínculos com as novas gerações e com o Museu da Cidade de Governador Valadares (MCGV).

Do ponto de vista metodológico, este estudo valeu-se de entrevistas semiestruturadas como instrumento de coleta de dados. Torna-se importante lembrar que a entrevista semiestruturada ou também chamada de semidiretiva ou semiaberta, tem como característica um roteiro com perguntas abertas e é indicada para estudar um fenômeno com uma população específica; no nosso caso um grupo de professores da Rede Municipal de Governador.

¹ Mestre em Educação pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

² Doutora em Didática da História pela Université Laval/Canadá e Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora no Centro Pedagógico UFMG.lucinei.pereira28@gmail.com

O Museu da Cidade e o mito do pioneirismo

Para uma melhor contextualização desta pesquisa, descreveremos neste momento do texto o acervo do Museu da Cidade e qual narrativa esta instituição apresenta sobre a história de Governador Valadares. O MCGV foi fundado em 30 de janeiro de 1983, portanto, um museu com mais de trinta anos. Está situado na Rua Prudente de Moraes, nº 711, Centro. Segundo documentos e narrativas dos memorialistas, esta rua é considerada uma das primeiras da cidade. O museu está aberto ao público de segunda à sexta-feira, das 8h às 18h; sábados das 8 às 13h. Esta instituição reúne coleções de arqueologia, objetos biográficos, de diferentes ofícios e meios de transporte, moedas, instrumentos musicais, mobílias e fotografias antigas da cidade. Ao adentrarmos a primeira sala do museu nos deparamos com uma forte representação dos "pioneiros" da cidade. Na figura 1 isso é notório e evidente.



Figura 1: Fotografia dos quadros de "pioneiros" na sala de entrada do Museu da Cidade
Fotografia: Michelle Gonçalves
Fev. 2018

Os personagens dos quadros acima (Figura 1), são figuras tidas como "ilustres" na construção da história da cidade. Nas etiquetas, são destacados como vereadores, farmacêuticos, engenheiros e coronéis, e são homenageados pelos seus "grandes feitos" e pelas suas veneráveis lutas pela emancipação de Governador Valadares. Entre os heróis fundadores, encontram-se o carpinteiro Serra Lima e seu auxiliar, Amador Alves da Silva, que se destacaram por terem sido responsáveis pelo moderno traçado urbano da cidade no início do século XX.

Assim, este espaço parece atender ao objetivo de reforçar o mito dos desbravadores que enfrentaram o sertão inóspito e lutaram pela emancipação da cidade. Na verdade, a figura do

pioneiro, que se consolida como mito fundador/emancipador, está vinculada, primeiramente, à epopeia dos primeiros habitantes da cidade e até hoje considerados como distintos e notáveis moradores. Em Valadares, a questão do pioneiro, enquanto referencial de identidade histórica sempre foi muito forte. A prática de cultuar o pioneirismo ultrapassou o mero registro de participação na formação da cidade para se tornar onipresente na práxis do discurso da história local. No entanto, é inegável pensar que, ao se dar voz ou o espaço para determinadas memórias, outras acabaram sendo silenciadas, que, em tese, tiveram importância, igualmente, para o processo histórico de formação da cidade.

Ao adentrarmos as próximas salas de exposição vamos nos deparando com toda sorte de objetos, e notamos a ausência de uma configuração cronológica ou temática do acervo do MCGV. Na verdade, os objetos não aparecem dispostos e reunidos a partir de temas ou mesmo seguindo uma linha de tempo cronológica em conformidade com os acontecimentos destacados pela história oficial da cidade - mas dá-se a ler que a exposição privilegia a representação de uma moradia “típica” de pessoas pertencentes a camadas privilegiadas da cidade. Na figura 2, por exemplo, mostra a sala que dá destaque para os instrumentos musicais, fotográficos e aparelhos de comunicação, objetos status que representam a moradia de uma camada social privilegiada, bastante distanciada da maioria das moradias da cidade tanto do passado como do presente.



Figura 2: Sala 1 - Cenário expositivo que reproduz uma sala de estar.
Fotografia: Michelle Gonçalves
Fev. 2018

Em nossa pesquisa pelo acervo, observamos alguns objetos sem as etiquetas de identificação. Verificamos também que outros objetos têm etiquetas bastante sucintas. Em muitas peças

pertencentes à elite observa-se o nome das pessoas que doaram. Na verdade, observamos que nas legendas não cabem mais informações ou descrições sobre o objeto exposto. Em nosso entender, o museu ao destacar o doador dos objetos busca de certa maneira "imortalizá-lo" na memória histórica da cidade.

Conforme uma entrevista realizada com o ex-gerente da instituição, houve uma tentativa em pluralizar o acervo do MCGV, trazendo para o cenário expositivo objetos de uso cotidiano e ofícios dos diferentes grupos e camadas sociais. No entanto, observamos ainda que diferentemente dos objetos que representam a elite valadarense, o acervo relacionado aos diferentes ofícios ficam em estantes de ferro, nos cantos ou quase escondidos na área externa do espaço museal como podemos ver na figura 3.



Figura 3: Objetos de diferente ofícios observados em um canto do museu
Fotografia: Michelle Gonçalves
Fev. 2018

Em nossa análise pelos cenários expositivos do Museu da Cidade, observamos a força da representação dos objetos da elite valadarense. Apesar da tentativa do ex-gerente em pluralizar o acervo trazendo objetos utilizados por segmentos mais populares, o acervo relacionado aos "pioneiros", em sua grande maioria, estão em posição de destaque e possuem uma notória hegemonia.



Figura 4: Sala 2 - Urnas funerárias indígenas e outros objetos

Fotografia: Michelle Gonçalves

Fev. 2018

Ainda, apesar de os povos indígenas terem sido os *pioneiros* da região do Vale do Rio Doce e no nosso entender serem importantes para a formação do povo valadarense, nota-se pouca centralidade do povo Krenak (antigos botocudos) no Museu da Cidade. Como podemos ver na figura 4, as urnas funerárias chamadas de *Igaçabas* ficam expostas em meio a outros objetos como, máquinas de costura, mica e pedras preciosas.

Experiências docentes no Museu da Cidade e seus dilemas com as novas gerações na "sociedade de consumo"

Segundo as reflexões de Ramos (2004) a proliferação dos objetos é uma característica da sociedade na qual vivemos. Além do aparecimento constante de novidades que rapidamente se tornam de uso comum, como carros, aparelhos celulares e domésticos, estes também se tornam obsoletos em um curto espaço de tempo. Posto isto, o autor se apropria do termo "tempo dos objetos" utilizado por Jean Baudrillard para explicar o momento atual da sociedade de consumo.

"No passado, não muito distante, havia uma perenidade que hoje não se vê: os objetos viam o nascimento e a morte de gerações humanas. Atualmente, são os homens que assistem ao início e o fim dos objetos" (BAUDRILLARD, 1995, apud RAMOS, 2004, p. 67).

A partir de tais observações podemos dizer que, o acesso ao mercado e ao consumo, potencializa o sentido de fluidez temporal e provoca o esvaziamento da vivência, das relações sociais e do ser/estar na cidade. Tal sentido se produz, com vitalidade cada vez mais intensa, pela via do acesso aos bens de consumo, cada vez mais fugazes e em constante transformação

(MIRANDA, 2010, p. 374). Na verdade, tudo muda com demasiada rapidez, e o que antes tinha valor se depreciará logo em seguida: tanto os objetos quanto os conhecimentos caem rapidamente em obsolescência e, então, não servem para mais nada (SIBILIA, 2012, p. 120). Essa fugacidade, acaba gerando mal-estar e desconforto nos professores e em seus atos de ensinar. "Tudo que é sólido se desmancha no ar". Segundo Berman (1997), num ambiente incerto como o atual, o consumo aparece como resposta à satisfação das ansiedades das novas gerações. Neste contexto fluido da sociedade atual e em se situa os estudantes, os docentes em muitos casos encontram-se perdidos em meio a diferentes elementos como: aos velhos moldes escolares baseados na transmissão, o entretenimento midiático e descartabilidade produzida pela sociedade de consumo.

Em sua experiência de levar seus alunos ao museu, o Professor 1 relata sobre o baixo nível socioeconômico de seus alunos e suas dificuldades em irem ao centro da cidade.

Professor 1: E era coisa bem interessante, primeiro que você tem que observar quem era a clientela que a gente atendia, que a gente atende, que é de crianças extremamente carentes. De crianças que tem uma dificuldade muito grande de ir no centro de Valadares. Eu tive alunos que falavam **“professor eu nunca fui sequer no shopping”**. Então, são crianças com a realidade deles é a do bairro, daquela área. (grifos meus)

É oportuno destacarmos, a partir deste depoimento do Professor 1 que, devido as dificuldades financeiras de sua família, grande parte dos alunos oriundos da periferia não costumam ir ao centro da cidade. Como observado, muitos nunca haviam ido ao shopping da cidade, que de certa forma, para esses estudantes ir neste espaço é uma forma de estarem incluídos na sociedade de consumo. Ou seja, na percepção deles, neste lugar a serviço do consumo "todas as pessoas devem ir". Na direção da fala desse docente, Paula Sibilia (2012) reflete que a criança atual já não é frágil nem ingênua como em outros tempos: ao contrário, presume-se que saiba muitas coisas e seja capaz de escolher, opinar e consumir. Segundo a autora, em lugar daquela meninice, moderna, protegida, resguardada institucionalmente por sua fragilidade e incompletude, o consumismo exige dos jovens atuais uma quantidade intensa de gestos e informações que fazem implodir os velhos escalões familiares e as velhas propostas pedagógicas. Afinal, essa sociedade calcada no ato de consumir produz uma pulsão insaciável, não preenchida plenamente pelo consumo de objetos. Ou seja, ao comprar objetos (a cada dia mais modernos, mais eficazes, mais atraentes), o consumidor está atendendo, em várias situações, ao desejo do consumo, ao desejo de compra.

O relato do Professor 6 a seguir, também traz uma perspectiva semelhante ao do Professor 1. Os estudantes questionam o docente sobre o por que de irem ao museu e não entrarem para visitar o shopping.

Professor 6: Muitos deles nunca foram ao centro da cidade. eles nunca tinham entrado em um ônibus para vir ao centro da cidade, porque sei lá, aos 12 anos de idade a mãe só deixa ir para escola e volta. Nunca tinham passado na porta de um shopping. Era o que eles mais queriam. **Eles falavam: por que não leva a gente no shopping, no cinema ao invés de ir no museu?** (grifos meus)

Como visto no relato do Professor 6, nem todos os adolescentes podem ser incluídos na chamada "geração Shopping Center"⁴. Os Professores 1 e 6 observam que a maioria de seus estudantes apenas transitam em espaços do bairro próximos de sua escola. Talvez, para seus alunos o shopping representa um local idealizado e difundido por propagandas, com "cheiro" de novo, e o museu em suas percepções representa o "velho", o "mofo". Por isso, compreendemos que enfrentar, por meios dos objetos, os sentidos de passado e futuro que habitam o presente e refletir sobre a obsolescência dos objetos que estão nas vitrines dos "shoppings" tornaram-se um desafio pedagógico para o professor e para o MCGV. (RAMOS, 2004, p. 72)

Apesar de toda a sedução propiciada pela sociedade de consumo, materializadas em anúncios e propagandas, o Professor 3 observa que em suas visitas ao Museu da Cidade, seus alunos ficavam encantados com a experiência. Em sua fala, ressalta que os alunos também se surpreenderam ao analisarem as transformações do objeto ao longo do tempo.

Professor 3: Por que não tem no dia-a-dia, não vê. Na hora que fala que uma gamela ficava a água que levava para o quarto, e não na geladeira. Então, o filtro de barro era que filtrava água de casa, a casa deles muitas vezes tem o filtro elétrico, ou se não aquele de pia. **Aí eles ficavam com essa comparação do ontem com o hoje e eles ficavam encantados.** O telefone que era discado. Nem tinha o celular, o hoje é tudo no touchscreen. Assim essa diferença de objetos que eles não tem a mãos, aí eles ficavam encantados. (grifos meus)

Observando a experiência do Professor 3 no Museu da Cidade, compreendemos que os estudantes da nova geração que já nasceram na era das redes de conexão global, como a internet

⁴ Simone Campos em seu livro "No Shopping", narra os dramas e prazeres do consumismo vividos por adolescentes chamados por ela de "geração shopping center".

e interagindo em redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, podem ser provocados a se encantarem com objetos que hoje estão obsoletos e com "design ultrapassado" segundo a sociedade de consumo. No entanto, chamamos atenção o fato de que um objeto exposto no museu além de sua função de encantar pode despertar no aluno visitante uma reflexão crítica dos problemas históricos da cidade e propiciar a construção da aprendizagem histórica. Conforme sustenta Ramos (2008), os objetos são criados para alimentar o consumo. Atualmente, depois de comprado, o objeto não tem vida longa: desgasta-se logo e fica "fora de moda". Para o autor, "[...] nunca houve, em nenhuma sociedade, uma relação tão próxima entre a maternidade e o cemitério" (RAMOS, 2008, p. 181). Sem o ato de pensar sobre o presente vivido e os objetos da sociedade de consumo, nossa percepção sobre os problemas históricos na cidade pode ter uma abrangência reduzida. O que pensam por, exemplo, do que seria uma cidade sustentável, um país sustentável? Que relações poderiam estabelecer entre os limites dos meios naturais e a sociedade de consumo em que os produtos tem cada vez uma vida mais curta?

Outras reflexões, podem ser ensejadas a respeito da vida dos objetos na sociedade de consumo. Ramos (2004) salienta que a sociedade de consumo é a sociedade do descartável somente para uma parcela da sociedade: os que têm dinheiro para consumir. Para a grande maioria, o descartável é a possibilidade de restituir a vida dos objetos, dando-lhes um pequeno valor monetário ou novas utilidades. Ramos (2004) pondera que, o objeto finado transfigura-se em objeto ressuscitado. No entanto, tudo continua tendo pouca durabilidade e em curto espaço tempo volta a ser lixo inútil, mas que talvez ainda possa ser útil em alguma indústria de reciclagem. Afinal, se não é possível consumir o objeto, o consumidor é fadado a se tornar apenas um consumidor de imagens através de vitrines e excluído do acesso às mercadorias. De certa maneira, grande parte dos estudantes é seduzida pelo excitante ato de "comprar e vender" imposto pela sociedade de consumo, no entanto, são radicalmente excluídos do acesso a bens e artigos disponíveis nas vitrines de lojas e hoje também presentes em toda sorte de anúncios em *websites* e redes sociais. A partir dessa visão, Ramos (2004) enfatiza que

A sociedade de consumo, que se reproduz em uma interminável rede de fome e morte, realiza-se, também, no desejo, na vontade incansável do consumir, na produção incansável dos objetos. Se o templo dos colecionadores às avessas é o shopping center, o altar de adoração é certamente a vitrina, lugar onde a sacralização do mercado mostra toda a sua carga de erotismo e cinismo" (RAMOS, 2004, p.69).

Outros dilemas: as diferentes gerações de professores

Outra questão sobre a qual pretendo refletir está destacada na entrevista com o Professor 6 é sobre as diferenças de gerações entre professores. Em seu depoimento a seguir, este docente traz sua percepção sobre os professores de "cabeça mais aberta" e os de "didática mais conservadora".

Professor 6: Mas antes dos alunos são professores, porque conversar com um professor que também... Na nossa geração os professores já tem uma cabeça mais aberta, já os professores com uma didática mais conservadora, que está com depressão, dá calo na voz, se ele não tiver preparado, ele não consegue lidar com essa nova geração. Se ele não tiver bem físico, didático, bem com ele mesmo, ele não vai conseguir levar [ao museu] esses alunos.

A partir da declaração do Professor 6 é importante comentar que, em sua concepção os professores de hoje com a "mente aberta" podem ser mais inclinados a realizar atividades extraclasse com seus estudantes, diferente dos professores com mais tempo de carreira e "com didática mais conservadora". Para o Professor 6, se os docentes mais velhos não tiverem preparados didático e fisicamente, poucas são as possibilidades de levarem seus alunos ao museu. Para Inês Teixeira (2007), a problemática constitutiva da condição docente como a síndrome da desistência, desmotivação e cansaço demonstrados pelos professores de vários países, explicitam os índices crescentes de adoecimento de professores, assim como o absenteísmo no trabalho.

Vale dizer ainda que, o conflito de gerações entre os professores mais jovens e os mais velhos não é incomum. Quando o professor mais jovem propõe atividades fora da escola com seus estudantes, por exemplo, não é difícil ouvir dos professores mais velhos a seguinte frase: "isso é por que você está chegando agora, quando estiver na minha idade você vai ver, já estará cansado disso". Os professores com mais tempo de carreira talvez possam ouvir também dos mais jovens, de forma indireta a seguinte proposição: "os professores mais antigos não fazem nada diferente com os meninos, por isso não gostam da aula dele".

Enfim, foram destaques nesta seção, os depoimentos dos docentes que em muitas circunstâncias foram questionados pelos estudantes do por que "ir ao museu e não ao shopping". No mundo e no "tempo dos objetos descartáveis" propiciado pela sociedade de consumo, o professor é desafiado a problematizar junto aos seus alunos esta dicotomia do "novo" e do "velho" e criar conexões que os possibilite a pensar de modo mais completo, sensível e comprometido socialmente. Suas falas nos demonstram que o modelo de "visita escolar obrigatória" não era suficiente para aproximar os adolescentes com o Museu da Cidade. Paradoxalmente, esta tentativa de aproximação mediada pelo professor era perpassada pela pulsão insaciável por objetos (a cada dia mais modernos, mais eficazes, mais atraentes) e a surpresa dos estudantes ao ver a trajetória histórica daqueles objetos expostos no museu e tão comuns em seu dia-a-dia.

Diante a disso, vale dizer que o caráter educativo do museu não pode fugir do posicionamento crítico diante da sociedade de consumo (RAMOS, 2004, p. 76). Penso que seria muito interessante ao Museu da Cidade criar condições para o pensamento livre e educar para compreensão das perversões presentes no processo do consumo. Dito de outra maneira, o museu e a escola poderiam criar mediações sensíveis, éticas e encantadoras por meio das quais os objetos – sobretudo aqueles que envelhecem conosco – pudessem provocar em nós e nas nossas relações sociais outros sentidos.

Ampliando um pouco mais, ressaltamos que no "tempo dos objetos", o Museu da Cidade também pode ser um núcleo educativo de insubstituível importância para se estudar e pesquisar sobre a historicidade dos objetos. Sob esse prisma, sublinha-se que ao propor romper com o seu *design* do consumo, o MCGV poderia se inserir em uma rede mais ampla de táticas educativas, avançando para além da reificação sacralizada dos objetos dos "pioneiros fundadores". Por isso, esta instituição é instigada a criar movimentos de "alfabetização do olhar" junto ao seu público visitante, principalmente no contexto atual, em que as subjetividades envolvidas nesse processo, já não são apenas as do professor e do aluno, mas as de consumidores imersos em plena era midiática (RAMOS, 2004).

Por exemplo, as máquinas de escrever ou rádios expostos no Museu da Cidade apenas indicam o que já passou, o que não funciona mais, o obsoleto frente às novas tecnologias. Nesse contexto, não seria oportuno para o Museu da Cidade a problematização desses objetos a partir de uma reflexão sobre os aparelhos eletrônicos utilizados no presente, como celulares, *tablets* e computadores, que também tornam-se obsoletos num curto espaço de tempo frente a um

modelo com *design* mais atualizado? Como exemplo também, Ramos (2008) cita o copo descartável, que ao ser inserido entre os objetos encenados no museu pode ser tomado como indício do tempo monetário, que pouco dura frente aos índices de consumo. Na verdade, chamamos atenção para o fato de que, sem uma reflexão sobre os objetos que rapidamente tornam-se sem valor e obsoletos na sociedade atual, o Museu da Cidade perde uma excelente oportunidade de se inovar e criticar o papel do tempo, do dinheiro e das coisas na sociedade capitalista.

Considerações Finais

Esta pesquisa apontou que no momento atual em que tudo é transitório e de pouca durabilidade, o professor é provocado a estabelecer novas relações e vínculos com as novas gerações e com o Museu da Cidade. Por fim, os dados também indicaram que para os professores pesquisados seus alunos acabam vislumbrando o shopping como um local idealizado e difundido por propagandas, com "cheiro" de novo, e o museu, por sua vez, representa o "velho", o "mofo". Por isso, compreendemos que enfrentar, por meios dos artefatos, os sentidos de passado e futuro que habitam o presente e refletir sobre a obsolescência dos objetos que estão nas vitrines dos "shoppings" torna-se um desafio pedagógico tanto para o professor de História como para o Museu da Cidade.

Referências

- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MIRANDA, Sonia Regina. *Estranhos passados encontrados em um museu: a criança e seus olhares sobre o tempo desconhecido*. Caderno CEDES 82. Educar para a compreensão do tempo. Campinas, vol. 30, nº 82, set-dez. 2010, p.369-382.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de historia*. Chapecó: Argos, 2004.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A insustentável leveza do tempo: os objetos da sociedade de consumo em aulas de história*. Educação em Revista, Belo Horizonte: n. 47, p. 179-196, jun. 2008.
- SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. *Da condição docente: primeiras aproximações teóricas*. Revista Educação e Sociedade, Campinas, vol. 28, n. 99, p. 426-443, maio/ago. 2007.